

Robert Vannoy, História do Antigo Testamento, Aula 1

Wellhausen [crítica da fonte], Gunkel [crítica da forma]

Revisão: Hipótese da Fonte Documental de Wellhausen [JEDP]

Estávamos discutindo Julius Wellhausen, suas teorias e o impacto dessas teorias no material histórico do Antigo Testamento. Tentei delinear brevemente sua hipótese de fonte documental para vocês, a teoria JEDP, como é chamada. É praticamente o mesmo que J ou a fonte que favorece o nome divino Jeová é o mais antigo (ca. 850 aC), a fonte E ou Elohim (ca. 750 aC) P ou o documento sacerdotal é o mais recente (ca. 450 aC) , e D ou a fonte do Deuteronomio foi escrita por volta de 621 aC, que foi a época de Josias e a descoberta do livro da lei.

Algumas outras datas significativas, 721 AC é a queda do Reino do Norte para a Assíria, 586 AC é a queda do Reino do Sul para a Babilônia, duas datas importantes na história de Israel. Claro, há o Êxodo por volta de 1.400 a.C. e a época de Davi, 1.000 a.C.

Então, ao longo desse tipo de linha do tempo, de acordo com Wellhausen, o material que compõe o Pentateuco foi desenvolvido durante um longo período de tempo, começando com J, depois seguido por E, depois D e finalmente P com uma série de redatores que combinou os materiais. Para que o resultado final fosse um mosaico de materiais. Sua afirmação era que muitos dos conceitos e ideias atribuídos aos tempos antigos realmente não são legítimos como tendo existido naquela época, mas refletem os tempos posteriores em que essas fontes foram escritas. Ideias como circuncisão, aliança, eleição, atribuídas aos Patriarcas, foram realmente ideias posteriores que foram inseridas a partir da época do exílio babilônico. Eles existiam na escrita de P e foram projetados no passado, distorcendo completamente a história anterior. Eu dei algumas outras ilustrações.

Politeísmo ao Henoteísmo ao Monoteísmo

Acho que no final das contas alguém fez uma pergunta sobre o monoteísmo e eu mencionei que ele via a religião como um desenvolvimento do politeísmo (muitos deuses) para o henoteísmo (nosso deus é melhor) e para o monoteísmo (um Deus). Isso também está de acordo com o desenvolvimento evolutivo das religiões em geral.

Da religião natural à profética à sacerdotal

Deixe-me apresentar outro padrão sobre o qual ele falou. Ele discerniu o que chamou de “religião natural”, que era a adoração primitiva refletida nas fontes do JE. Depois, a religião profética que desenvolveu a consciência ética que ele encontrou refletida na fonte D. Depois, a religião sacerdotal com ritos cerimoniais externos que ele atribuiu à fonte P pós-exílica. Então você vê que há outro tipo de esquema de desenvolvimento, religião natural, religião profética e religião sacerdotal, que ele alinha com a progressão de suas fontes JEDP que ele afirma estarem por trás do texto do Pentateuco.

Impacto na Historicidade

Agora lembre-se, essas fontes são imaginárias. Nunca houve qualquer evidência documental da existência dessas fontes que ele rotula de J, ED e P. Portanto, é uma hipótese, mas é uma hipótese que muitas pessoas acham que ele está muito bem estabelecido, por isso foi aceito por muitas pessoas no mainstream. estudos contemporâneos ou desde a época de Wellhausen. Não vou perder tempo nesta aula, não é o propósito desta aula entrar em sua teoria e tentar argumentar os pontos e refutá-los. Você fará isso na Introdução do Antigo Testamento. Nosso objetivo aqui é ver o impacto da teoria na história aqui mesmo no Antigo Testamento. O que isso faz é resultar numa visão muito baixa do material histórico do Antigo Testamento porque alega que há muitas distorções, se não mesmo invenções completas envolvidas no material histórico por causa da sua teoria.

Renúncia de Wellhausen

Agora, o material mais antigo, após a época de Davi (1000 aC) e Moisés (ca. 1400 aC). As fontes de Wellhausen datam de pelo menos 600 anos após a época de Moisés e a compilação final do Pentateuco é pós-exílica, cerca de 1000 anos depois de Moisés. Vamos avançar um pouco mais com isso antes de passarmos para outra coisa. Para Wellhausen e seus seguidores, o interesse deles não estava na mensagem do Antigo Testamento. A sua principal preocupação era reconstruir, através do seu método crítico histórico, o que consideravam ser a história do desenvolvimento religioso de Israel. Isso foi feito neste esquema evolutivo. Agora é interessante que Wellhausen lecionasse na faculdade de teologia de uma universidade na Alemanha, num lugar chamado Greifswald. Ele chegou à conclusão de que realmente deveria renunciar a esse cargo porque não achava que o que estava ensinando fosse o tipo de coisa que prepararia os homens para o ministério. Neste livrinho, mencionado na bibliografia, página 2, quarto verbete, Walter Zimmerli, A Lei e os Profetas. Ele fala de Wellhausen na página 22. Ele diz o seguinte: “Em 1872 foi chamado como professor da faculdade de teologia de Greifswald. Nos dez anos passados em Greifswald, escreveu seus estudos decisivos sobre a crítica literária do Antigo Testamento. Em 1882, ele renunciou ao cargo de professor na faculdade de teologia. A carta ao ministerium na qual apresentou a sua demissão é um testemunho impressionante da integridade deste grande homem. Ele escreve nesta carta: “Tornei-me teólogo porque estava interessado no tratamento científico da Bíblia. No entanto, só lentamente me dei conta de que um professor de teologia tem, ao mesmo tempo, a tarefa de preparar estudantes para o serviço na igreja protestante e que eu não sou adequado para desempenhar esta tarefa prática. Desde então, minha cátedra de teologia tem pesado muito em minha consciência.” Isso consta da carta de sua demissão. Então Zimmerli diz: “Assim, Wellhausen aposentou-se, por motivos de consciência, de sua cátedra de teologia e aceitou a nomeação de professor extraordinário de línguas semíticas em Halle, em outra universidade. Mas enquanto ele estava lá, ele foi proibido de ensinar o Antigo Testamento por causa de sua incrível reputação como crítico literário.”

O que quero salientar sobre isto é que penso que Wellhausen compreendeu a questão e concordo com Zimmerli que ele demonstrou alguma integridade ao demitir-se. O problema é que as pessoas que aceitaram as suas ideias continuam a ocupar cargos nas escolas teológicas e, especificamente neste país, muitos professores em seminários e escolas de pós-graduação em religião foram para a Alemanha, estudaram com os alunos de Wellhausen, aceitaram as ideias e voltaram e perpetuaram as ideias no contexto das escolas teológicas. O que isso levou foi à posição liberal em muitas das principais denominações e seminários neste país. Se tivessem seguido Wellhausen na sua renúncia, bem como na adopção das suas ideias, a cena eclesial americana estaria muito à frente, mas isso não aconteceu. Ele renunciou, eles não.

História do Resultado Evolutivo Religioso

Mas o resultado final é que a mensagem do Antigo Testamento foi perdida e substituída por uma tentativa de reconstruir a história da religião de Israel numa base evolutiva. Na verdade, o que o interessa, da perspectiva de Wellhausen, é o tipo de abordagem da história das religiões ao Antigo Testamento.

B. A ascensão da crítica formal

Comentários gerais sobre críticas de formulários

Voltemos aos seus esboços. Há um breve levantamento das opiniões críticas A. “Julius Wellhausen” e B. “A ascensão da crítica formal”. Tenho dois subtítulos lá, 1. é “De Hermann Gunkel” e 2. é “Gerhard von Rad”. Primeiro, apenas um comentário geral sobre a crítica da forma. Desde a época de Wellhausen, no final de 1800 e início de 1900, houve muitas modificações e refinamentos de sua hipótese documental ou de fonte para a literatura do Antigo Testamento. Mas a tese básica que ele desenvolveu, a sequência do JEDP, permaneceu intacta. Você pode ouvir as pessoas hoje dizerem: “Wellhausen está ultrapassado agora, já fomos muito além de Wellhausen”. Em certo sentido, isso é verdade, mas muitos dos desenvolvimentos foram acumulados sobre a base teórica de Wellahusens . Portanto, essa sequência básica permanece intacta, assim

como a aceitação da divisão do Pentateuco especificamente, em fontes rotuladas como J, E, D e P. Você não precisa ler muito na literatura contemporânea para descobrir que isso é verdade. . É assim que as coisas são.

Provavelmente a mudança mais significativa desde Wellhausen nos estudos críticos do Antigo Testamento é o desenvolvimento da crítica formal. A crítica da forma dá uma dimensão adicional à hipótese documental. Tenho que explicar o que quero dizer com isso. Com a crítica formal, ou pelo menos com a maioria dos seus praticantes, a análise da fonte da teoria JEDP de Wellhausen é aceita. A crítica formal não reverte nada disso nem rejeita nada disso. Aceitou essa análise da fonte.

Tradições orais por trás do documento original

Mas a ideia da crítica da forma é penetrar por trás dos documentos até a tradição oral que se pensava estar cristalizada nos documentos. Em outras palavras, a ideia é a seguinte: aqui está o documento J ou Jeová, nós o isolamos, aceitamos isso, mas o que queremos fazer é voltar atrás de J até os antecedentes dele na tradição oral que finalmente se cristalizou na forma escrita naquele documento J. Agora, voltarei a isso em um minuto.

Herman Gunkel (1862-1932)

Hermann Gunkel foi a figura chave no desenvolvimento desta abordagem para a análise da literatura do Antigo Testamento. Agora ele está em 1.º lugar na sua planilha em “Crítica de Formulário”. Hermann Gunkel viveu de 1862 a 1932. Agora compare isso com Wellhausen, 1844 a 1918, eles se sobrepuseram muito, mas você pode dizer que Gunkel é um contemporâneo mais jovem de Wellhausen e ele nos traz até 1932. William Foxwell Albright, que é um antigo americano do Oriente Próximo estudioso, não sei se esse nome significa muito para você, ele lecionou durante anos, agora faleceu, na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Ele foi um estudioso e arqueólogo americano muito influente e conservador. Ele diz sobre Gunkel: “Ele é um dos estudiosos mais notáveis dos tempos modernos”. Albright diz: “sua abordagem aos

materiais bíblicos, sua metodologia para delinear seu caráter e propósito foram apropriadas de uma forma ou de outra por todos que vivem na corrente principal dos estudos bíblicos contemporâneos”. Então, essa é apenas a avaliação de uma pessoa proeminente sobre a influência de Gunkel. Suas metodologias foram aceitas por todos os que estão na corrente principal dos estudos bíblicos contemporâneos.

Termos de Gunkel: Gattung /Gênero, Sitz im Leben, Formgeschichte

Gunkel introduziu vários termos nos estudos bíblicos que se tornaram comuns. Deixe-me entregá-los a você. São termos alemães, mas se você ler alguma literatura técnica provavelmente os encontrará. O primeiro é “ gattung ” que significa “tipo literário” em alemão. O termo francês para tipo literário é “gênero”, porque quando você lê em estudos técnicos, às vezes o termo é “ gattung ” e às vezes é “gênero”, mas geralmente um dos dois é usado. O que significa é um determinado tipo literário, como poesia, narrativa, textos proféticos, etc. O segundo termo que é muito importante no sistema de Gunkel, e veremos como em um minuto, é a expressão alemã *sitz im leben* , traduzida literalmente, “situação na vida”. O termo final é *formgeschichte* . Agora, essa é uma palavra, “forma” é “forma”, assim como em inglês, e “ geschichte ” é “história”. Em alemão é uma palavra. O alemão frequentemente concatena palavras e forma palavras mais longas. Então é a “História das formas”.

Agora, como mencionei há pouco, a ideia da crítica da forma não era descartar os documentos literários J, E, D e P, mas tentar penetrar por trás deles até a tradição oral antecedente. O que Gunkel sentiu foi que o que você precisava fazer era, dentro de cada um desses documentos, J, E, D e P, isolar unidades individuais da história. Você precisava categorizá-los de acordo com seu *gattung* . Em outras palavras, com cada pequena unidade de história, era preciso decidir que tipo literário ela representava. Depois era preciso decidir que *sitz im leben*, situação de vida, produziria aquele tipo literário. Que *sitz im leben* daria origem a este tipo literário? Esse processo foi *formgeschichte* , a história das formas, das formas literárias. Então o que Gunkel queria

fazer era ir atrás dos documentos, isolar o que ele sentia serem as influências e configurações que eram as fontes desses documentos fonte (JEDP).

Metodologia de Crítica de Formulários

Agora, algumas coisas sobre a metodologia de Gunkel, uma é que há algo mais positivo no que Gunkel faz do que Wellhausen. Ele reconhece a antiguidade de muitos destes documentos do JEDP que Wellhausen não reconheceu. Em outras palavras, Wellhausen aceitou esses documentos como a criação escrita dos autores, o autor J, o autor E, o autor D, etc., e então os projetou de volta à antiguidade, enquanto Gunkel sentiu que J era o resultado final de um longo processo de transmissão de uma tradição originalmente na forma oral até que ela chegasse à forma escrita final. Portanto, o que se tem com Gunkel é pelo menos o reconhecimento de que alguns dos componentes destes documentos são muito mais antigos do que vemos na sua forma final escrita no próprio documento.

Gunkel e Cronologia

Se você tentar fazer um diagrama, obterá algo assim. Wellhausen tem essa linha do tempo e o escritor J foi de 950 a 850 e o escritor E, de 850 a 750, e assim por diante. Eu disse, com Gunkel você ganha uma dimensão adicional à hipótese documental. O que eu quis dizer com isso é: aqui você tem a mesma linha do tempo, Êxodo, Davi (1000), 721, 586, Esdras, como você vê lá embaixo. Antes da época de Davi, ele achava que não existiam tradições escritas, eram todas orais. Ele não sentia que as várias pessoas que compunham Israel eram uma unidade homogênea, mas que vinham de origens diversas, cada grupo trazendo consigo tradições orais. Então todos eles entraram em colapso, por volta da época de Davi, nesta nação de Israel. Então, a partir dessas tradições orais, houve um processo de moldar algumas delas no que se tornou o documento J ao longo de um período de tempo. Da mesma forma, você teve um processo de moldar outros no que se tornou o documento E. Você tinha uma linha separada de tradição indo para D, e uma trilha separada indo para P. Veja, ele estende

isso por um período de tempo e então gradualmente você tem o documento J sendo formado, o E, e depois disso você obtém novamente um redator combinando J, E, por volta de 621 aC. Nesse ínterim, o documento D estava sendo formulado e o documento P e, finalmente, todos os três JE, D e P são reunidos. Então, em vez de uma simples linha do tempo, você tem uma situação mais complexa, onde cada um desses documentos tem sua própria história, antes de ser fundido com os outros documentos.

Oralidade à Composição Escrita

Algumas dessas histórias que eram orais podem ter sido escritas e podem ter existido então na forma escrita como uma unidade de história separada. Então havia um monte de unidades de história separadas e, gradualmente, isso faz parte da teoria dele, você tem essas unidades unidas em algum tipo de sequência, mas isso levou um tempo para ser concluído. Ao fazer isso, a ideia era que muitas dessas unidades de história fossem agrupadas em uma sequência de unidades de história como, por exemplo, a sequência de história da narrativa de Abraão. Você pode ter tido histórias, de acordo com esse tipo de teoria, que originalmente tinham antecedentes bem diferentes, mas gradualmente elas foram relacionadas entre si. Eles foram incluídos no mesmo nome de Abraão e organizados em um documento ou fonte escrita. Houve muita reconstrução das histórias, muita modificação das histórias, encaixando-as nesse processo. Foi um longo processo. Mas digamos que aqui com P, você não tem um escritor P em 450 a.C. sem nenhum material antecedente para trabalhar. O professor que tive em Amsterdã tinha uma expressão holandesa que traduzo aqui, “apenas chupando do polegar”. Você não tem um escritor simplesmente sentado e fazendo isso. Você tem um escritor que trabalha com tradições anteriores e cada uma dessas tradições tem uma longa história.

Gattung para Sitz im Leben

Mas, voltando à teoria de Gunkel, ele sentiu que se pudéssemos isolar as unidades de história e rotulá-las como um certo tipo literário, gattung ou gênero, poderíamos então teorizar que tipo de situação a vida produzia esse tipo de história. Essa

foi a metodologia que ele usou para analisar essas histórias, e veremos como ele fez isso em alguns minutos. Uma coisa é que há mais antiguidade no material com Gunkel do que com Wellhausen.

Benefícios

A outra coisa é, no que diz respeito ao tipo literário e às situações que produzem um determinado tipo literário. Há certa legitimidade nisso como ideia, pelo menos em abstrato. Você pode pensar que na literatura moderna existem todos os tipos de estilos diferentes de escrita; se você comparar um telegrama a um livro didático, há um estilo literário bem diferente. Se você comparar isso com uma carta de amor e comparar isso com um anúncio e comparar isso com , digamos, um comunicado diplomático, o estilo literário é bem diferente em todas essas formas de escrita. Há uma situação particular que produz uma carta de amor, um folheto publicitário ou algo assim. Então você pode olhar para um texto e dizer: “Ah, esse é esse gênero de escrita e deve ter sido criado nesse tipo de contexto”. Portanto, há uma certa legitimidade nisso como ideia e, na análise literária, é claro, pode desempenhar um papel. Com Gunkel e particularmente com muitos de seus seguidores, a maneira como ele usou essa ideia foi outra, porque ele entra em tantos tipos de reconstrução hipotética e imaginária de situações da vida que produzem literatura que isso se torna muito arbitrário.

Distinção de crítica superior a inferior

Em contraste com a crítica superior, a crítica inferior preocupa-se com o texto. Em outras palavras, você obtém uma cópia do Novo Testamento grego ou do Antigo Testamento hebraico no qual, se você tiver uma boa cópia, uma edição crítica, terá notas de rodapé que compararão os manuscritos, destacando onde há pequenas diferenças entre um manuscrito e outro manuscrito. . Você os compara com certos métodos que são usados para tentar estabelecer qual era o texto original em processo de transmissão que causou certas divergências encontradas nos vários manuscritos diferentes. Isso é uma crítica mais baixa; trabalhando para estabelecer o texto original a partir de manuscritos

de extensão específica. A alta crítica, por outro lado, preocupa-se com os tipos de análise da autoria e da data da autoria. Esta é uma crítica mais elevada. Duas correntes de crítica: superior e inferior. A alta crítica em si passou a ter um sentido pejorativo, porque a sua prática e influência têm sido largamente negativas. Mas há um lugar muito real para a crítica superior, para examinar a literatura bíblica e tentar determinar o lugar, a época, o autor e o cenário. Isso é uma crítica mais elevada; isso pode ser feito da maneira certa ou errada.

Unidades de história de mitos e lendas de Gunkel e Sitz im Leben

A entrada é de HF Hahn, *The Old Testament in Modern Research*. Quero citar HF Hahn, do capítulo 4. Está neste livrinho, um livro muito útil, *O Antigo Testamento na Pesquisa Moderna*, que resume o último século de pesquisa no Antigo Testamento e o capítulo 4 é sobre crítica da forma. Mas Hahn diz: “Gunkel acreditava que o gênio literário de um povo primitivo se expressou pela primeira vez em mitos sobre a origem das coisas. Nos mitos, os deuses são os atores principais, enquanto nas lendas as façanhas são sobre heróis populares humanos. Nas lendas, os homens são os atores principais.” Então Gunkel sentiu que existem mitos e lendas. “Ele recorreu às narrativas de Gênesis em busca dos primeiros exemplos desse tipo de tradição popular entre os hebreus. Ele presumiu, além disso, que a lenda popular, por sua própria natureza, toma a forma de uma história individual, e não de uma narração extensa, e assim reduziu as narrativas do Gênesis a unidades literárias separadas. Estes, argumentou ele, existiam independentemente na recitação e na música muito antes de serem escritos em sua forma atual. Até mesmo o agrupamento das histórias em ciclos de histórias, como o que Gênesis contém, foi, na visão de Gunkel, feito pela primeira vez na fase pré-literária.” Portanto, já indiquei algo sobre a divisão das unidades da história, depois identifiquei de que tipo elas são e que situação na vida (*sitz im leben*) poderia tê-las produzido.

Relação de lenda e história

Agora, para Gunkel, as narrativas do Gênesis eram lendas, não história. Ele escreveu um livro intitulado *The Legends of Genesis*. Agora, quando você ouve alguém dizer, Gênesis é lenda, não é história, provavelmente provoca uma reação negativa. Com razão. Gunkel tenta argumentar contra o fato de ser história real. Isto é o que ele diz na página 2 de *As Lendas do Gênesis*: “A confusão sem sentido entre lenda e mentira fez com que pessoas boas hesitassem em admitir que existem lendas no Antigo Testamento. Mas as lendas não são mentiras. Pelo contrário, são uma forma particular de poesia. Por que não deveria o espírito elevado da religião do Antigo Testamento, que empregava tantas variedades de poesia, também se entregar a esta forma? Pois a religião em todos os lugares, incluindo a religião israelita, tem valorizado especialmente a poesia e as narrativas poéticas, uma vez que as narrativas poéticas são muito mais qualificadas do que a prosa para serem o meio do pensamento religioso. Gênesis é um livro mais intensamente religioso que o livro dos Reis.” Agora o que ele está dizendo é que as narrativas do Gênesis são lendas que ele rotula como poesia e diz que é um meio melhor para transmitir o pensamento religioso do que a prosa ou a história. Ele diz que por essa razão, Gênesis é um livro mais religioso do que o livro dos Reis, que ele classificaria como histórico.

Cristo e Apóstolos não têm importância na história das narrativas de Gênesis

Um pouco mais adiante, na página 3, ele diz: “Levanta-se a objeção de que Jesus e os apóstolos consideraram claramente esses relatos como fatos e não como poesia”. Você sabe qual é a resposta dele? “Suponha que sim. Não se presume que os homens do Novo Testamento tenham sido homens excepcionais em tais assuntos, mas partilhavam o ponto de vista do seu tempo. Portanto, não temos garantia de olhar para o Novo Testamento em busca de soluções para questões sobre a história literária do Antigo Testamento.” Portanto, o testemunho de Cristo e dos apóstolos não tem relação com o caráter da narrativa de Gênesis. Ele diz que isso é irrelevante. Eles são apenas filhos do seu tempo. Naquela época eles pensaram que isso era história e aceitaram essa visão; ele

descarta isso rapidamente. Ele então enumera uma série de critérios para distinguir a lenda da história. Voltarei a isso um pouco mais tarde.

A Priori Excluindo os Elementos Milagrosos

Não vou abordar todos esses critérios, mas o mais importante está na página 7. Ele diz: “O critério mais claro da lenda é que ela frequentemente relata coisas que são bastante incríveis”. À medida que desenvolve isso, a respeito de Gênesis, ele diz: “Por mais cauteloso que o historiador moderno possa ser ao declarar algo impossível, ele pode declarar com toda a confiança que animais, serpentes e jumentos, por exemplo, não falam e nunca falaram. . Que não existe árvore cujo fruto confira imortalidade ou conhecimento. Que anjos e homens não têm ligação carnal, e um exército conquistador do mundo não pode ser derrotado, como declara Gênesis 14, com 318 homens.” Agora, ele usa uma série de ilustrações ali, ambas são espantalhos, descartando o milagroso e tentando estabelecer a incredibilidade como critério para separar o material do Gênesis como lendas da história.

Certamente, ao avaliar o material histórico, a credibilidade não deve ser descartada. Fazemos isso o tempo todo: se lemos um relato de jornal; aplicamos os critérios de credibilidade. Queremos analisar a credibilidade; nós simplesmente não queremos descartá-lo. É importante. Mas quando se trata de narrativa bíblica, certamente não se pode determinar se se trata de lenda ou história, assumindo antecipadamente a impossibilidade do milagroso e isso está no cerne da metodologia de Gunkel. Veja, isso é um a priori, é algo que ele assume. Milagres não acontecem. Por que eles não acontecem? Bem, nós não experimentamos isso, portanto eles não acontecem. Se milagres não acontecem, então qualquer história que contenha milagres não é história. Veja, essa é a linha de raciocínio dele e seu ponto de partida é onde ele está errado. O ponto de partida assenta num princípio de analogia, o princípio da analogia histórica, ou seja, qualquer coisa que não tenhamos vivido na nossa própria história é algo que não acontece. Voltaremos a isso mais tarde. É certamente impróprio quando se trata de materiais bíblicos que se propõem a representar-se como um registro

da intervenção de Deus na história humana para provocar a redenção. Se for isso, você não poderá fazer justiça a esse material se descartar a possibilidade de intervenção divina desde o início. Veja, os dois estão em conflito total.

Ele sentiria que havia elementos da história que provavelmente estavam lá, mas sobrepostos e misturados com muitas coisas que não estavam. Seu ponto não era tanto esse. Ele volta à questão de quão importante é a história? Quão importante é que essas coisas realmente tenham acontecido? Para ele isso não era tão importante. Ele estava interessado na mensagem religiosa ou nas lições que poderíamos aprender com essas histórias. É como as Fábulas de Esopo; ninguém diria que isso aconteceu, mas você pode moralizar isso.

Lenda como Poesia

Deixe-me ir um pouco mais longe. Ele fala mais sobre a lenda ser poesia. Ele diz que “o ponto importante é e continuará sendo o tom poético das narrativas. A história, que pretende nos informar sobre o que realmente aconteceu, é por natureza prosa, enquanto a lenda é por natureza poesia. Seu objetivo é agradar, elevar, inspirar e comover. Aquele que deseja fazer justiça a tais narrativas deve ter alguma faculdade estética para captar, ao contar uma história, o que ela é e o que pretende ser e, ao fazê-lo, não está expressando um julgamento hostil ou mesmo cético, mas simplesmente estudando, amorosamente, a natureza de seu material. Quem possui coração e sentimento deve perceber, por exemplo no caso do sacrifício de Isaque, que o importante não é estabelecer certos fatos históricos”. Na opinião de Gunkel, esse não é o propósito da história, contar o que aconteceu, “mas transmitir ao ouvinte a dor dilacerante do pai que foi ordenado a sacrificar seu filho com suas próprias mãos e depois sua gratidão e alegria ilimitadas. quando a misericórdia de Deus o libertar desta dolorosa prova. E todos os que percebem o encanto poético peculiar destas antigas lendas devem sentir-se irritados com o bárbaro – pois existem bárbaros piedosos – que pensa que está a atribuir o verdadeiro valor a estas narrativas apenas quando as trata como prosa na história.” Você percebeu isso? Se você trata o Gênesis como uma história

em prosa, contando o que realmente aconteceu, de acordo com Gunkel aqui, você é um bárbaro. Ou seja, você não tem a qualidade estética necessária para ver a poesia dessas coisas.

Gênesis como lendas etiológicas

O segundo capítulo deste livro trata das variedades de lendas do Gênesis. Não vou perder muito tempo com isso, apenas mais algumas ilustrações. Já tenho essa terminologia aqui que talvez você esteja se perguntando do que se trata. Gunkel considera a maioria das lendas do Gênesis como lendas etiológicas. Agora, o que isso significa? Etiologia é o estudo da causa. É um termo frequentemente usado em relação a doenças. Qual é a etiologia de uma doença? É o estudo do que provoca determinada doença. Aplicado às lendas do Gênesis, significa que as lendas explicam por que algo é como é observado atualmente. Agora, vamos ilustrar isso e acho que ficará mais claro.

Existem vários tipos diferentes de lendas etiológicas, de acordo com Gunkel. Lembre-se de que eu disse que ele queria isolar as unidades da história e depois rotulá-las de acordo com os tipos literários. Esses são alguns dos tipos de lendas etiológicas. O primeiro é etnológico. Ele diz “há um desejo de conhecer as razões das relações das tribos. Por que Canaã é servo de seus irmãos? Por que Japhet tem um território tão extenso? Por que os filhos de Ló habitam no Oriente inóspito?” Você pode facilmente observar que essas coisas existem. Que os filhos de Ló moraram aqui, Jafé tinha um território extenso, etc. Como é que Ruben perdeu o seu direito de primogenitura? Por que Caim deve vagar por um fugitivo inquieto? Por que Berseba pertence a nós e não ao povo de Gerar? Por que Ismael se tornou um povo beduíno com apenas este território? Bem, ele diz que as histórias evoluíram para explicar coisas, para responder a estas questões e tais histórias são lendas etnológicas. Eles respondem por que algum grupo étnico é o que parece ser. Mas eles são fictícios. Ele diz que “tais lendas etnológicas que contam uma história fictícia a fim de explicar as relações tribais são, naturalmente, difíceis de distinguir das lendas históricas que contêm o remanescente de uma tradição de algum evento real”. Mas, na maior parte, as suas histórias etnológicas eram histórias

fictícias para explicar a relação dos povos e por que viviam onde viviam e por que eram quem eram. Ele diz: “por mais infantis que essas explicações nos pareçam agora, e por mais impossível que fosse para os homens de antigamente descobrir as verdadeiras razões de tais coisas, ainda assim não devemos ignorar a profundidade dessas lendas poéticas”.

Exemplos de lendas etimológicas

Lendas etimológicas. Tinham a ver com a origem e o significado de nomes, raças, montanhas, poços, santuários e cidades. Ele ilustra isso com algumas etimologias populares. Lembre-se que ele escreveu isso em alemão. Foi traduzido e ele usa algumas ilustrações em alemão, mas depois usa algumas em inglês. Ele diz: “Nós também temos nossas etimologias populares. Quantos acreditam que o rio Noble que corre entre New Hampshire e Vermont e através de Massachusetts e Connecticut tem esse nome porque ‘conecta’ os dois primeiros e ‘corta’ os dois últimos estados.” É por isso que o rio Connecticut é chamado assim? É uma história fictícia para explicar o significado dos nomes. E ele sente que algumas das histórias que explicam o significado dos nomes encontrados no Pentateuco são, por analogia, o mesmo tipo de explicação popular fictícia. Aqui está outro : “ A Ilha de Manhattan, dizem, foi nomeada a partir da exclamação de um selvagem que ficou impressionado com o tamanho de um chapéu holandês usado por um dos primeiros hambúrgueres, 'Homem, chapéu!' Lendas semelhantes são numerosas em Gênesis.” A cidade de Babel é nomeada pelo fato de que Deus ali confundiu as línguas humanas, Babel, Gênesis 11:9. Jacó é interpretado como ' detentor do calcanhar ' porque ao nascer ele segurou pelo calcanhar seu irmão, de quem roubou seu direito de primogenitura. E assim por diante. Então o que ele está dizendo é que muitas dessas histórias que explicam o significado dos nomes são tão fictícias quanto “Manhattan”. Mas, novamente, você vê o que isso faz com a historicidade. Isso o destrói completamente. Mas veja, então ele volta e diz que se você ler isso como história, você é um bárbaro; você não tem o insight poético estético para entendê-lo.

Lendas Cerimoniais

Lendas Cerimoniais. Há muitos deles, diz ele, que explicam os regulamentos dos cerimoniais religiosos. “Quando os filhos virem seu pai realizar todos os tipos de costumes curiosos durante a Festa da Páscoa, eles perguntarão a Êxodo 12:26: 'O que isso significa' e então a história da Páscoa lhes será contada. Uma orientação semelhante é dada em relação às doze pedras no Jordão, Josué 4:6, que o pai deve explicar aos filhos como memoriais da passagem pelo rio Jordão. Nestes exemplos, então, vemos claramente como tal lenda é a resposta a uma pergunta.” Por que fazemos isso na Páscoa? Pois bem, então a história da Páscoa é contada e pode explicar um ritual contemporâneo. Ele diz o mesmo com respeito à circuncisão, ao sábado e assim por diante. Ele diz: “Nenhum israelita poderia ter dado a verdadeira razão de todas essas coisas, pois eles eram muito velhos. Mas para aliviar esse constrangimento, o mito e a lenda intervêm. Eles contam uma história e explicam o costume sagrado: há muito tempo ocorreu um evento do qual esta cerimônia surgiu naturalmente.” Então temos a história da origem da Páscoa ou algo assim. Isso é o que ele chama de lendas cerimoniais.

Lendas Geológicas

Lendas Geológicas. Vamos parar com isso. Explica a origem da localidade. “De onde vem o Mar Morto com seu terrível deserto? A região foi amaldiçoada por Deus por causa do terrível pecado de seus habitantes. De onde vem aquela estátua de sal com sua semelhança com uma mulher? Esta é uma mulher, esposa de Ló, transformada numa estátua de sal como punição por tentar espionar o mistério de Deus.” Estas são lendas geológicas.

Histórias magníficas, mas ignorando a história real

Agora, como você pode ver por tudo isso, segundo Gunkel, o que realmente aconteceu não é o importante nas histórias bíblicas. O que lhe interessa é a mensagem transmitida pela história. Ele diz no volume listado em sua bibliografia, que é o único

outro volume que foi traduzido para o inglês de Gunkel, um título interessante: *What Remains of the Old Testament?* Essa é uma boa pergunta com esta mensagem. Mas ele diz naquele volume, página 20: “Pense na força com que na história de Caim o assassinato é apresentado como o crime básico, o encanto da história de Jacó, eloquente de inveja fraterna e amor fraterno, cheio de fé e uma providência dominante, a atratividade do idílio de Rute exibindo o amor de uma viúva que dura além da morte na sepultura, a magnífica solenidade da narrativa da criação, a maravilhosa história do paraíso, ingênua, mas profunda.” Ele diz: “A história da criação, por mais valiosos que sejam seus pensamentos religiosos, é para nós, não a história real”.

O que ele obteve dessas histórias foram os magníficos conceitos religiosos que ele sentia estarem embutidos nessas histórias: o poder de Deus, o governo e a providência divina, a retribuição divina do bem e do mal, emoção religiosa, esse tipo de coisa. Esse é o valor do Antigo Testamento. Esses conceitos religiosos e emoções transmitidos nas histórias, não o que realmente aconteceu. Ele realmente não está interessado no que aconteceu. Sua metodologia praticamente impede que você determine o que aconteceu na história real.

Quero falar um pouco mais sobre Gunkel a partir da próxima hora. Depois passaremos para o próximo sujeito, Von Rad.

Transcrito por Sarah Emmons

Editado por Ted Hildebrandt

Edição final por Rachel Ashley

Renarrado por Ted Hildebrandt